

## A Importância do psicopedagogo no ambiente escolar

Cristiane Silva Conceição<sup>1</sup>

### Resumo

A presente pesquisa em compreender como as discentes e os docentes percebem a importância de um psicopedagogo na escola. Para isso, foram realizadas observações da rotina do trabalho desenvolvido por psicopedagogo e aplicação de uma entrevista com educadores, educandos, numa instituição particular, localizada num bairro de classe média, em Salvador. Dentre os resultados alcançados constatou-se que os educadores e educandos percebem e valorizam as atividades desenvolvidas pelo psicopedagogo. Entretanto, é necessário realizar ações preventivas e ampliar a participação desse profissional durante a elaboração do planejamento. Com essa pesquisa, sugerimos a ampliação das atividades desenvolvidas buscando prevenir as possíveis dificuldades de aprendizagem.

**Palavras-Chave:** Psicopedagogia, institucional, docente, educando, prevenção.

### 1. INTRODUÇÃO

A escola, na maioria das vezes, é o primeiro espaço no qual as crianças e adolescentes saem do convívio familiar e passam a fazer parte de outros grupos com percepções e vivências diferentes. Ao longo de todo o caminho escolar, participarão direta ou indiretamente do aprender. Em alguns casos, essa ação não acontece da maneira esperada pela escola ou pela família, sendo necessário investigar quais fatores estão interferindo. O psicopedagogo é um profissional responsável por compreender os problemas de aprendizagem, bem como melhorar e aumentar as potencialidades dos educandos em conjunto com outros profissionais, a escola e a família.

Faremos um breve histórico sobre o surgimento da Psicopedagogia e apresentaremos a atuação de um profissional dessa área numa instituição escolar. Discutiremos também a importância dessa ciência para a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem.

#### 1.1 O surgimento da psicopedagogia

Segundo Bossa (2007), no final do século XVI, Francis Bacon divulga a possibilidade de um conhecimento certo e seguro, mas essas ideias só ganhariam força com o avanço e fortalecimento do capitalismo, no século XIX. As desigualdades sociais provocadas por esse sistema precisariam ser justificadas com teorias, as quais afirmavam que os indivíduos ocupavam posições sociais diferentes devido às características hereditárias e culturais.

Ainda de acordo com a autora, no campo escolar, os estudos buscavam explicações para a diferença no rendimento dos alunos e o acesso diferenciado aos diversos graus de escolarização. Todo esse conhecimento se tornou base para o pensamento de psicólogos e educadores daquele período. A partir daí, e com todos os estudos na área médica, a dificuldade de aprendizagem foi atribuída a problemas orgânicos. Em decorrência disso, as crianças passaram a ser tratadas como “anormais”.

O primeiro centro médico de Psicopedagogia foi fundado por George Mauco, na França. Médicos, psicólogos, psiquiatras e psicanalistas faziam parte da equipe que buscavam

<sup>1</sup> Cristiane Silva Conceição – Graduação em Ciências Biológicas (Universidade Federal da Bahia), Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional (Faculdade Visconde de Cairu), Aluna especial do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, na Universidade do Estado da Bahia E-mail:conceicao.biologia@gmail.com

auxiliar no acompanhamento de crianças com dificuldades comportamentais e de aprendizagem (BOSSA, 2007). Essa trajetória demonstra que a psicopedagogia apresentava uma corrente voltada para o tratamento médico-pedagógico. As ideias francesas influenciaram discussões dessa natureza em países como a Argentina, que, por sua vez, influenciou o surgimento da ciência no Brasil.

Na década de 70, surgiram, na Argentina, os primeiros centros de Saúde Mental nos quais equipes de psicopedagogos realizaram diagnósticos e tratamentos. Entretanto, eles perceberam que alguns pacientes apresentavam uma melhora na aprendizagem, mas desenvolviam fobias e outros problemas. A partir daí, notou-se a necessidade de trabalhar em conjunto com a psicanálise. Essa foi uma das primeiras mudanças em relação à abordagem das práticas psicopedagógicas. O objeto de estudo da psicopedagogia passou por diferentes fases, à medida que mudava a percepção sobre a aprendizagem (BOSSA, 2007).

Atualmente, entende-se que as estruturas orgânicas, intelectuais e afetivas influenciam na aprendizagem, assim como as condições socioculturais do seu meio.

A Psicopedagogia além de dominar a patologia e etiologia dos problemas de aprendizagem, aprofundou conhecimentos que lhe possibilitam uma contribuição efetiva não só relacionada aos problemas de aprendizagem, mas também, na melhoria da qualidade de ensino oferecido pela escola. (SCOZ, 1994).

Por isso, é necessário uma instituição de ensino pensar a aprendizagem dos seus educandos de maneira mais ampla.

## **1.2 A Psicopedagogia institucional**

A psicopedagogia pode ser clínica<sup>2</sup> ou institucional. A diferença se dá em relação à metodologia e ao espaço onde o trabalho é desenvolvido. A primeira acontece de forma individual ou grupal, em consultórios, com o intuito de reconhecer as causas internas que interferem na aprendizagem. A institucional tem um caráter preventivo e acontece nas instituições escolares, empresas, creches e organizações assistenciais. Ela tem como objetivo reduzir a “frequência dos problemas de aprendizagem”, sendo realizado um trabalho didático e pedagógico.

Geralmente, quando um estudante não está apresentando o rendimento esperado, as instituições de ensino apresentam uma queixa de caráter pedagógico ou comportamental às famílias e recomendam que busquem profissionais habilitados para tratar os problemas de aprendizagem.

Nesse contexto, necessitamos diferenciar dificuldades e distúrbios ou transtornos de aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem estão relacionadas às questões momentâneas, podem ser primárias (quando são ocasionadas a problemas emocionais) ou secundárias (em decorrência de paralisia cerebral ou outras questões, que podem comprometer o sistema orgânico e assim dificultar a aprendizagem). Os distúrbios estão relacionados às características intrínsecas, resultando em uma incapacidade específica. É um conceito muito associado à psiquiatria e encontra-se listado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) (RELVAS, 2010).

Segundo Neto et al. (2015), desde 2000, há um aumento no número de queixas relacionadas à dificuldade de aprendizagem. Ele ressalta que algumas questões poderiam ser abordadas e enfrentadas pela própria escola, evitando assim rotular as crianças e indicar medicamentos desnecessários, pois, na maioria das vezes, as dificuldades acontecem devido às práticas pedagógicas inadequadas.

<sup>2</sup> Bossa (2007) afirma que a prática da psicopedagogia na instituição escolar também é clínica se analisarmos apenas a semântica original da palavra de observação e investigação, já que na instituição o profissional será um observador e investigador das dificuldades de aprendizagem.

Weiss (2001) menciona casos de crianças com idade inadequadas para a alfabetização que foram encaminhadas para clínicas de psicopedagogia. Contudo, nesses casos, constatou-se que houve uma má condução no processo de ensino. A autora afirma que:

qualquer escola precisa ser organizada sempre em função da melhor possibilidade de ensino e ser permanentemente questionada para que os conflitos, não resolvidos, não apareçam nas salas de aula sob forma de distorções do próprio ensino. (Weiss, 2001)

Abordamos algumas questões levantadas por Cazella (2010 apud WEISS, 1994, p.14) sobre a condução do ensino nas instituições escolares. “[...] será o problema da não aprendizagem apenas do aluno? [...] A atualização da escola apenas em metodologias de ensino não poderia estar deixando de lado as questões de aprendizagem?”. Outras perguntas também devem ser feitas: será que todas as queixas de aprendizagem encaminhadas pela escola são analisadas dentro da instituição? Qual é a metodologia usada pelos professores? Será que ela atende às diferentes formas de aprender e estimula as diferentes competências e habilidades? Há conflitos entre professor e aluno que estão interferindo na aprendizagem? São questões que deverão ser levantadas dentro da instituição, antes de encaminhar os educandos para um psicopedagogo clínico.

Em muitas escolas, o quadro de funcionários para trabalhar diretamente com os processos de ensino-aprendizagem é preenchido por pedagogos e licenciados. As instituições de educação básica, das Redes Municipal e Estadual de ensino, localizadas em Salvador, não apresentam psicopedagogos. Há professores com pós-graduação na área, mas que não exercem a função e nem têm vínculo como psicopedagogo (a), porque até o momento não teve concurso para o cargo. Na Rede Particular, algumas escolas afirmam que possuem profissionais como psicólogos e psicopedagogos, mas não sabemos como acontece a atuação deles nas instituições. Em geral, os trabalhos acadêmicos envolvendo as práticas de psicopedagogia relatam as experiências desenvolvidas em instituições públicas.

A presença de psicopedagogo é de fundamental importância para as instituições escolares. Eles auxiliam os docentes no reconhecimento de fatores emocionais ou orgânicos que estejam interferindo no processo de aprendizagem dos educandos. Com base nesse contexto e com a intenção de abordar as atribuições e atividades que podem ser realizadas por um psicopedagogo institucional, o presente estudo tem como objetivo compreender como docentes e discentes percebem a importância de um psicopedagogo no ambiente escolar.

## **2. METODOLOGIA**

Foram realizadas observações da rotina do trabalho desenvolvido pelo psicopedagogo e, posteriormente, uma entrevista com ele, os docentes e discentes de uma escola particular, localizada em Salvador. O estágio da pós-graduação em Psicopedagogia foi realizado para servir como objeto de pesquisa para este trabalho. A escolha dos entrevistados se deu com base na disponibilidade de horários dos envolvidos e da participação voluntária. Sendo aplicados três questionários (ANEXO 1) voltados para função de cada profissional no ambiente escolar. As perguntas foram realizadas, de forma oral, com nove professores. Posteriormente, os dados coletados interpretados com o auxílio dos referenciais teóricos.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta seção tem como objetivo apresentar os dados referentes às observações e entrevistas realizadas com o discente, o psicopedagogo e os docentes, da rede privada.

Todos os docentes entrevistados são graduados, alguns têm dois meses de experiência na unidade escolar; outros, nove anos. Sendo, dois com graduação em Pedagogia e sete com licenciaturas em diferentes áreas. Do total de entrevistados (sete do sexo feminino e dois do masculino), cinco são pós-graduados.

Buscando compreender como os educadores percebem as atividades da psicopedagogia dentro da instituição que trabalham, analisamos as respostas sobre o que eles acreditavam que um psicopedagogo pode realizar na escola.

### 3.1 A psicopedagogia na escola

De acordo com todos os professores entrevistados, as atividades do psicopedagogo estão relacionadas com estudantes que apresentam dificuldade de aprendizagem e com a intermediação dos conflitos. Alguns relatos afirmam o seguinte: “*Auxiliando o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo no esclarecimento das dificuldades de aprendizagem dos alunos.*” (P1), “*Intermediar a relação e os conflitos entre professor e aluno, e estreitar os laços através do olhar diferenciado com os alunos.*” (P.5)

As respostas têm relação com o trabalho desenvolvido pelo psicopedagogo da instituição. Suas atividades consistiam em auxiliar as questões pedagógicas dos educandos com dislexia, déficit de atenção, baixa visão e na resolução dos conflitos. Outro professor da instituição entende desta maneira: “[...] *Contribuir no desenvolvimento de atividades apropriadas para cada grupo de acordo a faixa etária e assim mediando o ensino de qualidade*” (P2).

Segundo Fagali e Rio do Vale (1993), existem duas formas de o psicopedagogo trabalhar na instituição escolar: a primeira, auxiliando o aluno no seu desenvolvimento para que ele possa acompanhar a aprendizagem formal; a outra é preventiva, junto com os pedagogos, orientadores e professores, visando trabalhar a relação entre professor e aluno, mencionada por um professor: “*Realizar a mediação entre professores e alunos, alunos e alunos e pais*” (P.4)

Na escola, durante as observações, percebemos que os professores consideravam que a atuação do psicopedagogo era importante apenas no período da elaboração das avaliações. Para Luckesi (2001), a avaliação da aprendizagem deve ser resultante de um projeto pedagógico de ensino, com objetivos estabelecidos. Se os objetivos não forem definidos e entendidos, será realizada apenas a verificação da aprendizagem, o que não deve acontecer. A avaliação não deve ser somente para dar uma nota no boletim do estudante; mas, sim, para observar onde a aprendizagem não foi alcançada.

Segundo o psicopedagogo da unidade escolar já referida neste trabalho, ele não participa da elaboração do planejamento anual da instituição. Essa afirmação mostra que é necessário repensar e ampliar a participação dele nas atividades que devem contemplar todos os estudantes, a coordenação e os professores. Percebemos que a prática pedagógica é muito associada à curativa ou terapêutica, na qual são desenvolvidos mecanismos para que o estudante com transtorno de aprendizagem possa acompanhar os colegas. Entretanto, nas instituições, a abordagem deve ser com base na psicopedagogia preventiva. Nela, os educandos, educadores e coordenação têm como objetivo pensar em como o aprender está sendo construído.

### 3.2 A psicopedagogia e a relação professor e aluno

Posteriormente, os professores foram questionados sobre como o psicopedagogo auxilia na relação professor e aluno. Eles falaram que o auxílio se dá quando há conflitos entre educadores e educandos: “*Dirimindo conflitos e auxiliando na comunicação entre os*

*docentes e as famílias.” (P.8), “Com os casos de comportamentos inadequados para sala de aula, como palavrões e agressividade”. (P.5)*

A predominância dessa abordagem pode estar relacionada com as dificuldades existentes na instituição, narradas pelos educadores e o psicopedagogo da escola. De acordo com eles, a falta de respeito e agressividade têm sido as causas motivadoras dos conflitos.

As dificuldades de aprendizagem podem acontecer devido a fatores extrínsecos ou intrínsecos, pontuados pelos professores: *“Orientando os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem na instituição” (P.1), “Fazendo o acompanhamento com os alunos mais difíceis, realizando as questões com a família, facilitando manter uma boa relação” (P.3)*

Segundo Relvas (2010), “[...] bater, ofender, liderar um grupo contra colegas, quase sempre estas atitudes têm causa familiar. É verdade que cada criança tem conteúdos genéticos e psíquicos próprios, mas a família e o ambiente são responsáveis por grande parte do nosso comportamento.”. Por isso, é importante um psicopedagogo na escola ficar atento às queixas dos professores e ao comportamento apresentado pelos estudantes. As causas podem ser motivadas por problemas emocionais enfrentados pelos jovens. A escola deve ser um espaço acolhedor e cordial para formar cidadãos.

Os conflitos podem dificultar a aprendizagem, por isso a sala de aula deve proporcionar um ambiente propício e afetivo. O diálogo é importante para investigar as causas motivadoras dos atritos e os professores devem provocar essa prática. Podemos observar que, devido ao pouco tempo do psicopedagogo na escola, não é possível ouvir os educadores de forma satisfatória sobre os possíveis conflitos. Ou isso é feito de maneira rápida, sem o tempo necessário para conversar. O psicopedagogo afirma que alguns problemas que acontecem durante o período letivo são discutidos nas reuniões.

Notamos também que, durante a entrevista, os professores não incluíram, como atividade do psicopedagogo institucional, a avaliação da metodologia utilizada por eles na sala de aula. Essa concepção pode estar relacionada à ideia do ensinar e do aprender, pois muitas práticas metodológicas não têm o educando como um ser ativo do processo educacional. Se o educador não se inclui também como aprendiz, conseqüentemente não se percebe como um ser que necessita fazer parte da atividade psicopedagógica.

### **3.3 Valorização da psicopedagogia no ambiente escolar**

Os docentes, ao serem questionados sobre se consideram importante o papel do psicopedagogo na escola, justificaram a necessidade de um olhar diferenciado para os educandos com dificuldade de aprendizagem, já identificados ou não: *“É importante, pois ele direciona as atividades adequadas para atender aos diferentes tipos de necessidades especiais” (P.2), Assim como na mediação dos conflitos, “De suma importância, pois trabalha com jovens e só o olhar de uma pessoa capacitada para intervir na relação do professor com o aluno.” (P.6)*

Nos discursos, percebemos, a valorização ao trabalho do psicopedagogo, pois os educadores mencionaram a necessidade de desenvolver atividades adequadas para os educandos que apresentavam transtornos de aprendizagem. Porém, o entendimento da prática psicopedagógica está muito associado à atuação clínica. A todo o momento era utilizado como exemplo as avaliações modificadas para os estudantes com transtorno de aprendizagem. Nas escolas é necessário a psicopedagogia atuar de maneira preventiva, a qual deve ser realizada com todas as turmas, considerando as necessidades de cada grupo em relação aos conteúdos e habilidades a serem alcançados com as atividades.

A atuação clínica e preventiva são muito próximas, pois as instituições também deverão realizar uma investigação sobre as queixas realizadas, porém com metodologias diferentes de trabalho. (BOSSA, 2009)

Essa percepção das atribuições de um psicopedagogo demonstra uma necessidade de maior fundamentação teórica e prática da Psicopedagogia como ciências. Alguns teóricos chamam a atenção para essa necessidade da área, como Fernández (1984a, p. 102), apud Bossa 2009 sublinha:

Mas ainda não podemos construir uma teoria acerca de nossa prática específica, na patologia da aprendizagem. Recorremos à teoria da inteligência de Piaget, que nos aporta um modelo da inteligência, mas não uma teoria sobre as fraturas no aprender, acerca do sujeito que não aprende. Recorremos também à psicanálise, que nos permite, entre tantas outras coisas, realizar uma leitura do inconsciente e nos possibilita um marco psicopatológico a que remetemos para compreender a estrutura de personalidade de nossos pacientes. Mas carecemos de uma psicopatologia acerca da aprendizagem. Estamos tentando construir nossa própria teoria, nosso específico enquadramento, os rasgos diferenciadores de nossa técnica e nosso lugar como especialistas em problemas de aprendizagem. (Fernández (1984a, p. 102), apud Bossa 2009)

### **3.4 O trabalho do psicopedagogo na visão dos educandos**

Inicialmente apresentamos o roteiro de entrevistas, mas não foi possível entrevistar os estudantes da instituição. Por isso, nesta seção, iremos relatar a percepção de um educando, encaminhado para a sala do psicopedagogo pelos professores.

O educando entrevistado é do sexo masculino, tem dezoito anos, está no terceiro ano do ensino médio e é a primeira vez que estuda na instituição. Perguntamos a ele se já tinha consultado o psicopedagogo da escola, em qual situação, pedimos para ele explicar como aconteceu e explicar como o profissional pode auxiliar o seu desempenho na escola.

O estudante, no seu discurso, mostrou-se acolhido pelo psicopedagogo e relatou que, em alguns momentos, ele se dirigia à sala para conversar e solicitar ajuda em algumas disciplinas. Ele faz um acompanhamento com fisioterapeuta e fonoaudiólogo, pois apresenta dificuldade motora.

A maioria dos educandos eram encaminhados para uma conversa com o psicopedagogo devido a indisciplina ou então quando os professores observavam alguma dificuldade de aprendizagem.

### **3.5 A percepção do psicopedagogo sobre sua atuação na escola**

O psicopedagogo é graduado há 12 anos em Pedagogia, tem pós-graduação em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar. Atua há dois anos na escola particular onde o estágio foi realizado. A instituição adota como proposta de ensino uma abordagem sócio-construtivista. Apresenta toda a educação básica e está localizada num bairro considerado de classe média alta. Segundo a atual diretora, a decisão de contratar um psicopedagogo foi tomada antes da sua gestão. Ela acredita que tenha ocorrido pela necessidade de um acompanhamento diferenciado aos educandos com dificuldades de aprendizagem e outras necessidades, ressaltando que a escola não é especializada nesse atendimento.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases nº9394/96, no capítulo IV, artigo 59, que trata sobre educação especial, "os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades".

Após o movimento de inclusão educacional, as escolas são impedidas de recusar as matrículas dos educandos com necessidades especiais. Para atender essa lei, as instituições de ensino precisaram se adaptar em relação às estruturas físicas, assim como pedagógicas. Contudo, alguns pesquisadores discutem como a inclusão está sendo realizada.

A instituição possui duas sedes, sendo assim o psicopedagogo alterna semanalmente entre as sedes. Ambas possui educandos com casos de dislexia, déficit de atenção e baixa visão. Nesse sentido, na escola, o papel do psicopedagogo consiste em auxiliar o professor na adaptação das atividades e avaliações conforme a necessidade de cada um. Além disso, conversar com educandos que apresentam, ao olhar do professor, dificuldades durante o processo de aprendizagem ou comportamento como de dispersão, agitação, dificuldade de acompanhar os conteúdos, agressividade.

Segundo Weiss (2007), comportamentos como desatenção, dores de cabeça e barriga, esquecimento de tudo no momento dos testes e provas devem ser observados e se acontecem frequentemente em uma disciplina específica, pois são comportamentos que podem ir aumentando aos poucos e irem influenciando no fracasso escolar.

Durante o período do estágio, observamos uma frequência de educandos que eram encaminhados para a sala do psicopedagogo, sendo a maior parte deles Ensino Fundamental I que vai do sexto ao nono. Os motivos variavam, mas tinham como fundamento a indisciplina na sala de aula. Percebemos que a demanda maior na escola não acontecia com relação direta as dificuldades ou transtornos de aprendizagem, mas sim relacionadas ao comportamento.

Segundo Mansini (2001), o alto índice de reprovação ao longo das séries escolares colocou em questionamento as "patologizações" em relação aos fracassos escolares. Os transtornos ou distúrbios neurológicos de aprendizagem existem e fazem parte do trabalho psicopedagógico. Entretanto, para essa autora, o aprender precisa ser olhado considerando também os fatores dentro das instituições, sociais e os políticos. Como enfatiza Mansini apud Ovadia, 2006 "a Psicopedagogia ampliou seu campo de atuação, deixou de focalizar o problema para focalizar o aprendiz".

Nas escolas, é comum existir uma maior identificação dos estudantes com algumas disciplinas ou professores. Entretanto, é necessário um olhar atento para analisar, se as dificuldades de aprendizagem estão sendo ocasionada pela não identificação com a disciplina e/ou professor ou é devido a uma dificuldade orgânica.

De acordo com o psicopedagogo, em relação ao trabalho desenvolvido com as crianças que apresentam os transtornos de aprendizagem, as dificuldades mais recorrentes na escola é a aceitação dos pais quando são orientados a solicitar outro profissional, "*muitos pais escondem que tem filhos com algumas dificuldades e descobrimos depois ao longo do ano.*" Afirma que, as famílias só buscam auxílio quando o rendimento escolar começa a diminuir muito, comprometendo o ano letivo, "*muitos pais depositam os filhos e não dão atenção nem apoiam as escolas*"

Cada vez mais, é percebido a redução da presença dos pais nas escolas durante o ano letivo e conseqüentemente na educação pedagógica dos filhos. A rotina de trabalho excessiva, e a busca das famílias por uma condição financeira que proporcione maior qualidade de vida podem estar relacionadas com a redução dos pais nas escolas. É

necessário conhecer as famílias e assim criar estratégias para o acompanhamento dos filhos. Algumas escolas já realizam estratégias como diário do aluno, boletim online e o calendário do ano letivo.

De acordo com o psicopedagogo as intervenções com as crianças que apresentam transtornos ou déficit de aprendizagem acontecem, apenas mediante o prognóstico realizado por outros profissionais fora da instituição. Segundo ele, não deve ter diferença nas avaliações sem uma justificativa.

Para Fagali e Del Rio Vale (1993), existe duas vertentes da psicopedagogia curativa e preventiva. A primeira visa reintegrar ao processo de conhecimento as crianças ou jovens com transtornos de aprendizagem. A preventiva busca refletir como o aprender está sendo desenvolvidas na escola do ponto de vista das avaliações, metodologias das aulas.

Ao ser questionado sobre a participação na elaboração de currículo e planejamento da escola, ele respondeu que não participa da semana pedagógica da instituição. Essa afirmação reforça a concepção da psicopedagogia curativa. É fundamental, no planejamento, refletir sobre os objetivos a serem alcançados, as metodologias, os projetos e os assuntos durante o ano letivo, visando a diminuição da dificuldade de aprendizagem. É observado, pelo psicopedagogo, que sua atuação na escola precisa ser ampliada.

#### **4. Os desafios da psicopedagogia institucional**

O objetivo dessa seção é discutir a percepção sobre a psicopedagogia institucional com base nas observações do trabalho de um psicopedagogo institucional, que atua numa escola particular, em Salvador. O fato do psicopedagogo alternar cada semana numa sede da escola, dificulta a realização de algumas atividades. Quando está na escola, tem demandas da semana que passou na outra sede. Assim, alterna entre atender aos pais, outros profissionais que acompanham os educandos da instituição, além dos educandos encaminhados pela coordenação devido à indisciplina na sala de aula.

Durante o tempo do estágio e com base em alguns diálogos realizados, verificamos que não acontecem atividades preventivas. A atuação se concentra em atender às dificuldades de conflitos existentes. Essas demandas fazem parte da prática psicopedagógica, pois o emocional pode interferir na aprendizagem. Porém, todos devem participar da conscientização sobre os caminhos que envolvem o aprender. Alguns educadores, em seus discursos, parecem atribuir à indisciplina a falta de interesse em aprender, mas precisamos conscientizar que é consequência de alguma resposta que pode estar associada a diversos fatores, tanto às questões familiares quanto às institucionais.

Acreditamos que o maior desafio enfrentado pelo psicopedagogo institucional é mediar ações que despertem nos educadores uma reflexão sobre a importância de uma visão ampla do aprender. De forma geral, as instituições de ensino apresentam a filosofia do formar cidadãos, entretanto, na prática, é percebida uma valorização ao número de aprovação de estudantes em vestibulares. Visando a atender essa demanda, as instituições apresentam metodologias e práticas que preparam os educandos para provas específicas, sem reflexões e criticidade sobre os assuntos apresentados durante o processo educacional. Contudo, precisamos preparar as crianças e adolescentes para serem cidadãos críticos, capazes de refletir sobre os fatos e acontecimentos que os cercam no seu cotidiano, para que possam interferir positivamente na sociedade. Para Freire (1997), é necessário uma educação que proporcione a conscientização, assim o indivíduo será capaz decidir social e politicamente.

O direcionamento profissional dos educandos é necessário e preciso, pois eles necessitam ser independentes financeiramente das suas famílias e para ser bem remunerado pelo

mercado de trabalho as certificações são fundamentais, na nossa sociedade. Contudo, atender a essas duas necessidades, exige um conjunto de mudanças na metodologia e dinâmica da escola. Um rendimento abaixo do esperado pela a escola e a família, principalmente durante o ensino médio, é um fator de preocupação.

De acordo com Castro (2014), alguns fatores podem, ao longo do tempo, se acumular e influenciar no fracasso escolar. Ele afirma que, educadores responsabilizam unicamente as famílias e os adolescentes pelo rendimento escolar apresentado pelos educandos. Porém, alguns aspectos devem ser avaliados e discutidos nas instituições sobre a prática pedagógica.

O psicopedagogo é institucional tem como função atuar de forma preventiva junto aos pedagogos, orientadores e professores. “Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos integrando o afetivo e cognitivo, além da aprendizagem dos conceitos, nas diferentes áreas do conhecimento.” (FAGALI E RIO DO VALE, 1999)

Castro (2014), ressalta a importância do psicopedagogo institucional conhecer e avaliar alguns aspectos quando os alunos são encaminhados pela coordenação. São eles: queixa, professor responsável, conteúdo específico, habilidades e competências requeridas, metodologia e didática desenvolvidas, características da personalidade do professor, relacionamento estabelecido entre professor e aluno, reação frente à dificuldade em aprender do aluno específico.

O trabalho do psicopedagogo deve ser de prevenção das dificuldades de aprendizagem e para isso deve realizar um diagnóstico institucional. A partir daí, questionar como se realiza a gestão na escola. Se realmente existe democracia, analisar como fluem as relações. São aspectos que o psicopedagogo deverá observar.

Para Pontes (2010), é necessário o psicopedagogo realizar um diagnóstico institucional, o qual deve levar em consideração alguns fatores. Dentre eles, o Projeto Político Pedagógico (PPP), a gestão, a postura dos professores e o contexto social e econômico dos estudantes. Com isso, desenvolverá diferentes atividades em decorrência das necessidades apresentadas em cada instituição. Esse é um desafio para os psicopedagogos institucionais, porque a gestão, os educadores e educandos podem não proporcionar liberdade para o desenvolvimento das atividades. Portanto, ao longo do trabalho, será necessário desenvolver dinâmicas, diálogos, reuniões, entre outras atividades, visando estimular a confiança e credibilidade de todos envolvidos.

Não existe atuação psicopedagógica na escola sem a postura do ouvir, do falar e do propor. A intervenção do psicopedagogo tem que está regada do seu saber, da sua criatividade, da sua perspicácia, para que tenha condições de adaptar o trabalho a que se propõe, de acordo com as necessidades e possibilidades do contexto educacional em que está atuando. (PONTES, 2010).

Queremos destacar igualmente a necessidade de maior consolidação dos estudos e delimitação das áreas e funções dos psicopedagogos, dando ênfase aos institucionais. No artigo “Formação profissional em Psicopedagogia: Embates e Desafios”, a autora Elcie F. Salzano Masini menciona a necessidade de um definição clara sobre o objeto de estudo da Psicopedagogia, assim como refletir sobre as abordagens dessas ciências diante do cenário escolar vivido no Brasil. De tal modo, os profissionais da área exercerão sua função de forma mais clara e objetiva

## **5. Considerações finais**

A partir dos resultados, conforme o objetivo desta pesquisa, avaliar a importância para os docentes e discentes da prática psicopedagógica institucional, verificou-se que um

psicopedagogo institucional é fundamental para auxiliar os educadores e educandos a resolver as situações de conflitos.

Com a aplicação do questionário ficou perceptível a valorização dos professores e dos educandos ao trabalho de psicopedagogia desenvolvido na escola. Durante a pesquisa realizada na escola, ficou perceptível que é necessário desenvolver atividades relacionadas a psicopedagogia preventiva na instituição. A prática pedagógica encontra-se muito associada ao atendimento das crianças e adolescentes com transtornos de aprendizagem. Ou seja, ações relativas à psicopedagogia curativa ou terapêutica.

A prática psicopedagógica nas instituições deve contemplar todos os envolvidos no processo do aprender, como, por exemplo, os estudantes, professores e coordenação. Essa participação deve iniciar-se desde o planejamento do ano letivo até a prática na sala de aula. As metodologias utilizadas, os temas dos projetos, aulas de campo, todas as atividades devem ser pensadas para contemplar todos os estudantes e proporcionar uma aprendizagem significativa. É necessário que o psicopedagogo seja o porta-voz da necessidade de um estudo menos mecanizado e engessado, que o estudante perceba a importância dos conteúdos no seu cotidiano.

É necessário também mais pesquisas e divulgação da psicopedagogia, assim como a regulamentação da profissão. Por ser uma ciência recente, em relação a outras, muitas pessoas não conhecem a área de atuação.

Foi importante vivenciar a rotina do psicopedagogo institucional, assim como refletir sobre a atuação e importância desses profissionais nas instituições. Ficou perceptível que há uma valorização do profissional pelos estudantes e professores. Contudo, de acordo com o discurso do psicopedagogo e as observações realizadas, a psicopedagogia precisa ser percebida na sua amplitude.

## 6. REFERENCIAS

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuição a partir da prática. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.160 p.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei federal nº 9.394 de 20.10.1996. Brasília. Ministério da Educação e do Desporto/ Federação dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino. 1996.

BRASIL. Lei nº15719/15, de 20 de Março de 2015. Dispõe sobre a implantação de assistência psicopedagógica em toda a Rede Municipal de Ensino, com o objetivo de diagnosticar, intervir e prevenir problemas de aprendizagem tendo como enfoque o educando e as instituições de Educação Infantil e Ensino Fundamental.de São Paulo. Publicada na Secretaria do Governo Municipal, em 24 de abril de 2013. São Paulo, SP,.14dez

BRUM FT, Pavão SMO. Espaços psicopedagógicos na escola: legitimados ou urgentes? **Revista de Psicopedagogia**, Rio Grande do Sul, v.31, n.95, 2014. Disponível em < <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/71/espacos-psicopedagogicos-na-escola-legitimados-ou-urgentes->>. Acesso em: 14 dez. 2016

CASTRO MLG. O olhar psicopedagógico na instituição educacional: o psicopedagogo como agente de inclusão social. **Rev. Psicopedagogia**, v.65, n.21, 2004: Disponível em < <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/353/o-olhar-psicopedagogico-na-instituicao-educacional--o-psicopedagogo-como-agente-de-inclusao-social>>. Acesso em: 16 dez. 2016

CAZELLA S, Molina R. A intervenção psicopedagógica institucional na formação reflexiva de educadores sociais. **Revista de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 83, n.27, p. 78-91. 2010. Disponível em <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/222/a-intervencao-psicopedagogica-institucional-na-formacao-reflexiva-de-educadores-sociais>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

FAGALI, Eloisa Quadros; RIO DO VALE, Zelia Del. **Psicopedagogia institucional aplicada**: a aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 93 p.

FREIRE Paulo; **EDUCAÇÃO**: como prática da liberdade. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 189 p.

LUCKESI, Cipriano. Disponível em: <<http://www.luckesi.com.br>>. Acesso em: 20 de novembro de 2016.

Masini EFS. Formação profissional em Psicopedagogia: embates e desafios. **Revista de Psicopedagogia**, v.23, n.72, 2006. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/380/formacao-profissional-em-psicopedagogia--embates-e-desafios>. Acesso em: 14 dez. 2016

NETO F et.al. Dificuldade de aprendizagem no Ensino Fundamental e Médio: a percepção de professores de sete escolas públicas de São Paulo - SP. **Revista de Psicopedagogia**, v.97, n.32, 2015. Disponível <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/53/dificuldade-de-aprendizagem-no-ensino-fundamental-e-medio--a-percepcao-de-professores-de-sete-escolas-publicas-de-sao-paulo---sp>> Acesso em: 07 nov. 2016

PONTES IAM. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. *Rev. Psicopedagogia* 2010; v.27(84):417-427. Disponível em:< <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/196/atuacao-psicopedagogica-no-contexto-escolar--manipulacao--nao--contribuicao--sim>>. Acesso em 24 nov, 2016

RELVAS, Marta Pires. **Neurociências e Transtornos de Aprendizagem**: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010. 143 p.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade escola**: o problema escolar e de aprendizagem. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 176 p.

WEISS, Maria Lúcia. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 8°. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001. 205

## ANEXO I

### Questionário desenvolvido para os educadores

- a) Sexo: \_\_\_\_\_
- b) Você possui graduação? Qual? \_\_\_\_\_
- c) Tem curso de pós-graduação \_\_\_\_\_
- d) Qual? \_\_\_\_\_
- e) Quanto tempo trabalha na escola \_\_\_\_\_

1. O que você acredita que um psicopedagogo possa realizar na escola?
2. Como o psicopedagogo auxilia na relação do professor com o aluno?
3. Você considera importante o papel do psicopedagogo na escola? Em caso afirmativo ou negativo, justifique.

### Questionário desenvolvido para os educadores

- a) Sexo: \_\_\_\_\_
- b) Qual sua série? \_\_\_\_\_
- c) Idade? \_\_\_\_\_
- d) Quanto estuda na escola \_\_\_\_\_

1. Você já consultou o psicopedagogo na escola? Em alguma situação? Se sim, conte como foi. Caso não tenha consultado, exemplifique situações em que o psicopedagogo possa lhe auxiliar?

### Questionário desenvolvido para o psicopedagogo da instituição

- Sexo: \_\_\_\_\_
- Qual é a graduação \_\_\_\_\_
- Tem curso de pós-graduação \_\_\_\_\_
- Qual? \_\_\_\_\_

1. Quanto tempo a escola possui um psicopedagogo?
2. Quanto tempo você trabalha na escola?
3. Qual é o público de trabalho do psicopedagogo na escola?
4. Quais são os conflitos mais recorrentes na escola entre os alunos ou os professores?
5. Quais são as principais dificuldades encontradas em seu cotidiano?
6. Você encontra resistência da comunidade escolar (direção, pais, professores) para desenvolver seu trabalho?
7. É feito algum trabalho de prevenção junto as crianças?
8. Você faz o diagnostico e o encaminhamento para outros profissionais?
9. Já houve algum caso em que a família não aceita o diagnostico?

10. Você participa da elaboração de currículo e planejamento da escola em que atua?
11. Como é desenvolvida a intervenção com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem?